

Anexo IV – Pré-categorização da entrevista à Educadora Cooperante

Pré-categorização da entrevista à educadora cooperante

[Formação académica]

(...) Eu realizei a minha licenciatura como Educadora de Infância na Universidade de Évora, entre o ano 2000 e 2004. Quando terminei o curso vim para Faro (...) e... fiz um estágio profissional através do Centro de Emprego, um estágio de 9 meses no Centro de Bem Estar Infantil de Nossa Senhora de Fátima (...)

[Situação profissional]

(...) Durante esse estágio comecei logo a trabalhar com Educadora de Infância e terminado o estágio foi-me feito um contrato (...) onde continuei a trabalhar sempre na valência de creche. Em 2007, terminado o contrato no Centro de Bem Estar Infantil de Nossa Senhora de Fátima (...) encontrei emprego na Associação de Apoio à Criança “O Arco-Íris”. Comecei a trabalhar na valência de creche e posteriormente passei para o jardim de infância (...) e esse é o local de trabalho onde me encontro até hoje... 2013 (...)

[Reuniões de pais]

(...) aqui fazemos várias reuniões de pais. Fazemos a do início do ano, que é feita com todos os pais, alguns pais já vêm do ano anterior, outros pais são novos (...) Depois, fazemos as outras reuniões de avaliação, a meio do ano (...)

[Adesão dos pais às reuniões]

(...) Nessas reuniões [de início de ano], normalmente, todos os pais aderem, (...) porque explica-se o projeto curricular e as informações mais específicas da sala e é do interesse de todos, e todos os pais costumam participar e nunca faltam, pelo menos um dos pais costuma vir (...) [reuniões a meio do ano] e aí já notamos alguma diferença (...) Nas reuniões em que (...) há pais que vêm de outros anos letivos, muitas vezes as

peessoas (...) já é mais difícil agendar com elas uma data, pois à medida que os miúdos crescem, vão sendo mais velhos, dá-nos a sensação que os pais vão (...) dando menos relevância à importância dos momentos de avaliação. Na creche dão muita importância, especialmente quando é o primeiro filho. Na sala, por exemplo, dos quatro e dos cinco já é muito mais difícil, somos praticamente nós que temos de correr atrás dos pais (...) para marcar. Os pais novos, pronto, continua-se a manter sempre esse interesse (...) a pessoa quando entra numa instituição tem sempre aquele interesse de saber como é que está o filho e o desenvolvimento, o que é normal (...) mas vou notando também menos interesse dos pais, vou notando agora com estas idades dos mais velhos que talvez a reunião a meio não seja se calhar já tão relevante (...) Eu, se fizer essa do meio (...) se a pessoa não quiser vir (...) também não ando atrás, não quer não quer, não vem (...) Mas a final faço mesmo questão, insisto e acho que é muito importante pelo menos na final estarem cá. Na primeira e na última é mesmo importante porque (...) seja se a criança for para outro infantário, eu tenho de dar as dicas de como é que está o desenvolvimento ou seja para ficar (...) Acho que é o nosso papel, se as pessoas não quiserem participar também é nosso papel chamá-las à atenção e dizer “espere aí, este é o seu filho e você tem responsabilidade de saber o desenvolvimento dele e ajudá-lo” (...)

[Frequência das reuniões]

(...) Na creche eu fazia sempre a reunião do início do ano com todos os pais, é uma reunião em que convido todos em simultâneo, a reunião a meio do ano individual, um a um porque acho que como é uma reunião mais específica, sobre coisas específicas do desenvolvimento da criança, (...) é mais pessoal e eles são muito pequeninos e os pais dão muita importância a esses pormenorzinhos mais pequenos e nós também (...) É diferente do que estar a dar um papel preenchido com cruces (...) Depois faço outra no final do ano, também individual (...) a única global que eu costumo fazer é a do início do ano porque é para explicar os objetivos do projeto, pois eu acho que é mais adequado. Cada educadora faz à sua maneira, acho que é mais adequado depois fazer essas individuais (...) Tanto a meio como no fim. (...) No pré-escolar até à sala dos três, eu tenho feito assim do mesmo método (...) Eu faço a avaliação na mesma, em janeiro, por volta de janeiro, faço essa avaliação (...) eles [as criança] (...) este ano nem fiz [reunião], eu não fiz a meio do ano, vou fazer agora no final e individual, pronto vou

continuar o mesmo método. Há colegas minhas que fazem global, a meio e no fim, porque elas penso eu, entregam em papel, em cruces, e o que elas abordam na reunião é se cumpriram o projeto, os temas que cumpriram (...) São métodos, eu acho que este é mais adequado, se ver como mãe, preferia saber (...) coisas específicas sobre o desenvolvimento do meu filho do que se a educadora cumpriu este projeto (...) porque acho que isso os pais também vão vendo, pelos trabalhos que nós expomos, portanto é a minha forma de [...] (...)

[Objetivos das reuniões]

(...) acho que os objetivos das reuniões de pais, na primeira reunião deve ser o transmitir claramente o projeto curricular (...) Os pais têm de saber (...) Eles não têm noção nenhuma e eu faço questão de explicar os temas que vão ser trabalhados e para quê (...) e explicar também das rotinas. Pronto é outro objetivo (...) e também algumas regras (...) para os pais (...) horários de entrada e tudo também é importante que as pessoas cumpram e para isso serve a reunião de início do ano, para explicar toda a estrutura que nós, ao fim ao cabo, pomos no projeto... depois as outras, os objetivos eu penso que é mais a avaliação do desenvolvimento da criança, se está progredir (...) se não está, não esquecendo de dizer os pontos maus, mas também os pontos bons. Temos de saber fazer esse equilíbrio. As pessoas têm que ouvir os dois lados (...)

[Dificuldades sentidas no envolvimento e participação dos pais em situação de divórcio]

(...) Sinto algumas dificuldades porque, normalmente, nos casos de divórcio, e (...) isso acontece com mais frequência nas salas de pré-escolar porque é a idade em que começamos a ver mais divórcios e separações, a partir dos três anos, infelizmente. E o que nós sentimos de dificuldade é que geralmente há muita rivalidade entre os pais (...) começa a haver aquela disputa entre quem é que é o melhor (...) normalmente a criança, geralmente fica com a mãe e acontece muitas vezes a situação da mãe ter o conflito com o pai, porque vai com o pai, porque não sei quê. Há uma rivalidade e acabam às vezes por nos querer envolver nisso (...) é uma das dificuldades que eu sinto (...) O que acontece às vezes nas situações de divórcio é que um empurra para o outro, o outro

empurra para o outro e (...) não conseguimos chegar a nenhum (...) se calhar acaba por nenhum dar a verdadeira atenção que a criança precisa porque estão mais preocupados em empurrar (...) as responsabilidades para um e para outro, mas quando precisamos nenhum dos dois está cá, muitas vezes acontece isso. Não notamos que seja um deles que está realmente cá, nenhum dos dois acaba por estar (...)

[Dificuldades sentidas no envolvimento e participação dos pais em situação de casados]

(...) a nível de casal (...) normalmente quando há uns pais que agem de uma determinada forma agem os dois (...) mas temos vários estilos (...) há pais que, por exemplo, no caso das reuniões vêm sempre os dois, preocupam-se sempre os dois... mas depois também temos os casos em que há um dos pais que é sempre aquele que vem, e é engraçado porque não quer dizer que seja só a mãe, às vezes a gente pode pensar que é a mãe, que é o papel de mãe mas não. Nós temos um caso na nossa sala em que por exemplo desde bebé que é o pai. O pai é que está sempre presente e a mãe não, é engraçado (...)

[Maior envolvimento do pai ou da mãe]

(...) não posso ser concreta nesse aspeto (...) temos os dois casos (...) podia-se pensar que poderia ser a mãe a participar mais mas hoje em dia, felizmente (...) já se nota essa diferença (...) eu acho muito bom, que o pai já começa a participar, tanto que nós notamos também que o pai já começa a ajudar nas tarefas de casa que era uma coisa que não acontecia. O pai não dava banho à criança, o pai não fazia a comida... e agora já há essa alteração e isso é muito bom. Não é só a mãe, o que é muito bom (...)

[Menor envolvimento dos pais]

(...) e lá está, nota-se mais uma vez a diferença entre a creche e o jardim de infância, a atenção dos pais vai decrescendo (...) não sei porquê, mas vai decrescendo. E noto, por exemplo, se nós fizermos atividades em creche (...) em qualquer coisa que a educadora

proponha, os pais aderem mais. Temos mais pais a vir e a oferecer-se para ajudar. Quando vamos para pré-escolar, nós às vezes queremos preparar eventos, por exemplo, no caso de eu estar agora a dar as profissões, e quero convidar os pais a vir explicar a sua profissão, noto mais dificuldade, as pessoas mostram menos disponibilidade, é mais difícil chamá-las e muitas das vezes nem sequer consigo (...) que eles realmente venham ou combinar alguma coisa que seja com eles, e as próprias pessoas (...) acabam por não me dizer nada, pronto cai no esquecimento. E agora lembrei-me disso, mesmo a nível de trabalhos, os trabalhos enviados para casa também acontece o mesmo (...) é exatamente a mesma situação da participação em atividades. Nós, na creche, toda a gente participa. Há medida que as crianças vão crescendo há pais que não... já não vão participando e ignoram mesmo. A educadora pode por papéis, pode por *post its*, pode falar pessoalmente, mas há pessoas que não participam (...) nós fazemos um convite com o maior gosto... e porque a criança depois também fica chateada (...) todos os pais participam menos o dela. Nós explicamos isso aos pais, “veja lá, porque depois ela fica triste”, mas há pessoas que mesmo assim não dão relevância e temos que aceitar. É uma coisa que vou aprendendo com o tempo, fico triste, porque não gosto de ver os miúdos ficarem tristes, mas acabo por aceitar e pronto. E, às vezes, o que é mau leva-nos a desistir de convidar os pais. O que leva-nos a desistir para não fazer a criança passar por isso (...) Esses eventos, de... pequenas festas familiares, o dia da mãe, ou algumas festinhas que temos o hábito de fazer para chamar os pais cá, sem ser as reuniões de pais não é, o que é o hábito, para os fazer envolver e também ter um bocado de noção da realidade, como é que isto funciona, isso era importante mas às vezes nós temos pena de sujeitar a criança a isso, porque há, infelizmente, crianças que os pais não aparecem, e (...) acho que é mau...

[Motivos que levam os pais a comparecer com mais frequência no jardim de infância]

(...) As festas (...) as reuniões, apesar de tudo, as reuniões de pais sem dúvida. Se chamamos os pais, por algum motivo específico, a maioria vem. É um dos motivos principais e as festas (...) isso é verdade, quando há um evento, uma festa de natal, uma festa de final de ano tooda a gente vem. Vêm os pais, os avós e vêm aquelas pessoas

que nunca apareceram (...) Trazem a família toda, mas geralmente sim são os principais motivos (...)

[Áreas onde os pais deveriam participar mais ativamente]

(...) é importante, em primeiro lugar as reuniões, acho que é o mais importante para eles, ou de mais interesse e acho que ninguém (...) devia faltar a uma reunião ou achar que não tem interesse. Acho que é onde eles deviam participar em primeiro lugar, e segundo, essas pequenas atividades... mesmo que às vezes não consiga, e nós compreendemos, por impedimentos (...) do trabalho não possa vir a mãe, não possa vir o pai, mesmo que venha uma avó, venha uma tia (...) Alguém! E acho que isso era importante as pessoas participarem. Nós achamos que (...) é importante os pais virem ao infantário participar nessas atividades (...) Porque já aconteceu fazermos isso e quando as pessoas saem daqui, a seguir à atividade dizem “eu não tinha noção que isto era assim.” E então nós achamos mesmo muito importante. Passem um dia connosco, passem uma manhã connosco para terem essa noção e para nos compreenderem melhor (...) às vezes os pais têm aquela noção que nós temos uma atenção individualizada ao filho, mas só quando cá estão é que consegue perceber que nós temos de ter atenção individualizada para os filhos de todos. Todos são filhos de alguém e todos são importantes, não é só aquele, e é importante os pais cá estarem. Só quando eles cá estão é que conseguem perceber e então acho que aí era importante e outro aspeto: as atividades! Eu não mando muitas atividades, compreendo que as pessoas têm o trabalho, chegam a casa cansadas, chegam a casa tarde, têm que dar banho e dar o jantar às crianças mas há atividades isoladas, muitas vezes eu puxo muito pelos sentimentos porque acho que é uma coisa que está a falhar hoje em dia, as pessoas esquecem-se de dizer ao filhos, de falar. Há muito... o gesto automático há muita televisão e as pessoas já não usam a palavra. Há pouco tempo eu fiz uma atividade sobre o dia do pai, muitos pais escreveram, pedi para escreverem o que era ser pai e o que sentiam em relação ao filho como pai. Fiquei surpreendida, não esperava ouvir da boca do pai, não é, da figura masculina (...) às vezes descrições tão sentimentais (...) e os próprios miúdos gostaram de ouvir. Nós lemos na sala, os miúdos ficaram comovidos. Fiquei com pena daqueles pais que não participaram, os tais casos que nem participaram, nem se justificaram e... fico com pena, fico com pena... os miúdos ficaram com pena e nós também. E acho que

aí as pessoas devem tentar participar, nem que seja o pouco que consigam, nem que seja cinco minutos é muito importante para os miúdos (...) eu não vejo o caminho do que é que será melhor: é nós deixarmos de fazer, para os miúdos daqui em diante não terem de se sujeitar aos pais não aparecer ou é melhor os pais começarem a ser sensibilizados que é importante participar? Se calhar é isso, não é? (...) É mau a educadora começar a deixar de convidar os pais, não é? Por os pais não responderem (...)

[Soluções encontradas ao longo da experiência profissional para aumentar ou melhorar a participação dos pais]

(...) Tem sido difícil (...) é muito difícil, eu acho que ainda estou a encontrar, ainda estou (...) a tentar encontrar estratégias. Eu vou tentando apelar (...) aos sentimentos (...) como disse é mais fácil em creche, agora estou no jardim de infância e estou a sentir essa dificuldade cada vez mais, porque vou passando de sala e à medida que a idade aumenta [a participação é menor] (...) então vou tentando, eu própria ainda estou a tentar encontrar essas soluções. A melhor solução acho que é, quando conseguirmos ter os pais reunidos, especialmente, logo a primeira reunião de setembro chamar à atenção para isso. Acho que é o ponto de partida (...) eu até usei uma estratégia, foi na reunião do ano passado, na reunião de pais, porque eu acho que esses são os melhores momentos e até quando estão todos, as individuais é mais difícil, quando estão todos é o melhor momento para conseguir transmitir alguma coisa. Usei um vídeo, que era sobre o exemplo que os pais dão aos filhos, é um vídeo que eu encontrei no *youtube*... é uma publicidade, foi feita uma publicidade, em que demonstra como o filho imita o comportamento do pai, do adulto. É um vídeo onde mostra diversos comportamentos maus, atirar um papel para o chão, pronto várias coisas que o adulto pode fazer e que a criança vai fazendo o mesmo... eu passei esse vídeo e arranjei ali um momento de reflexão... para os pais terem essa noção, que todos os seus comportamentos o filho vai imitar. E acho que temos de aproveitar então essas reuniões, logo na primeira, esses pequenos momentos e sensibilizá-los, como é importante, o que é que acontece, mostrar a nossa experiência também torna a coisa um bocadinho mais válida (...) dizer: “Olhe, já aconteceu em anos anteriores a educadora querer chamar os pais, porque é importante envolver, mas os pais não participam e a criança fica triste.” Eles têm de ter essa noção e é o melhor momento, é o que nós podemos fazer é aproveitar essas reuniões de grupo.

É a minha solução, por enquanto vou tentando cativar por aí, vou tentando sensibilizar “ai, veja lá que ele fica triste”, vou tentando fazer os pais compreenderem como é que sentem a criança para descentrarem um bocadinho deles próprios. Pronto, não é por mim é pela criança, vou tentando puxar por aí. É a minha solução (...) por enquanto (...)

[Abordagem dos pais em situações informais]

(...) hoje em dia os educadores estão muito limitados com o tempo, às vezes os pais (...) queriam fazer perguntas e acabam por fazê-lo muitas vezes, diariamente. Nós não conseguimos dar essa resposta, não conseguimos ter tempo. Temos horas pedagógicas (...) supostamente, serviriam para preparar trabalhos e para atender pais, mas é muito difícil. E são em horários muitas vezes que não são compatíveis com o horário de saída dos pais. Os pais procuram-nos às vezes entre portas (...) acabamos por ir dando umas dicas (...) uma forma que eu encontrei, porque não me cruzo com alguns pais e há informações que nós não conseguimos passar (...) este ano propus uma ideia e acho que funciona e é bom. Pedi a cada um um caderno. Cada um agora tem um caderno individual que está sempre dentro da mochila, imagino que às vezes há coisas que nós reparamos... por exemplo, a criança “olha, hoje esteve mais impertinente, ou hoje notei que respondeu de tal forma, ou hoje contou-me uma determinada situação que eu fiquei preocupada”, pronto (...) eu ponho no caderno. É uma forma de trocarmos informação, eu comecei a fazer isso, acho que é importante... para mim é importante (...) não sei se os pais (...) consideram importante da forma como eu considero. Eu escrevi um papel a explicar para quê, para que é que servia o caderno, a importância, disse que os pais tinham liberdade também para trocar impressões comigo pelo caderno... isto, não é que o caderno seja substituto das reuniões, mas nos casos em que não nos conseguimos encontrar é um último recurso. E é um registo, um registo que fica ali do comportamento da criança, do desenvolvimento também. Eu, para mim, é muito importante, mas o que noto é que as pessoas não escrevem. Até hoje acho que só uma pessoa é que me escreveu ainda no caderno... uma resposta. Muitas vezes leem mas (...) não há o feedback e eu gostava que ficasse lá esse registo, para mais tarde, no fim do ano nós vamos ver, há um percurso (...) há uma evolução (...) Porque o caderno não tem de ser só para coisas más, também pode ser para coisas boas. Acho que também é

uma boa estratégia, mas (...) Não dão essa importância [ao caderno] e aí pronto é uma dificuldade que eu sinto, é uma porta fechada. e muitas vezes esses pais (...) quando é convocado uma reunião, não há tempo, nunca há tempo, mas quando há uma festa, os pais acham que é a oportunidade ideal para trocar impressões e muitas vezes erradamente, porque é em frente aos miúdos, não é? É uma coisa que não devemos fazer (...) e em frente aos outros pais.

[A exigência dos pais]

(...) a exigência dos pais a nível de trabalho é muito maior, os pais estão mais atarefados, os horários são mais pesados, as pessoas têm menos tempo, andam mais cansadas e a resposta vai diminuindo, não é por mal os pais gostam dos filhos (...) mas não conseguem dar... não conseguem coordenar as atividades todas que têm e muitas vezes estão cansados e nós temos que ser a luzinha, temos de ser a luzinha que os faz acordar para verem realmente, temos de parar porque os miúdos estão a crescer. No desenvolvimento não podemos simplesmente por um pause, eles estão a crescer e temos de agir nem que seja só cinco minutos. (...) Os pais são exigentes. Cada vez mais (...) os pais acabam por exigir. Não têm tempo, os pais não têm tempo e acabam por depositar essa esperança no infantário. (...) Que o infantário faça um bocadinho aquilo que eles não conseguem fazer... eu acho que aí advém algumas desvantagens (...) se calhar (...) o resultado não é aquele que os pais esperam (...)

[O jardim de infância não substitui os pais]

(...) o jardim de infância não pode de forma alguma substituir nunca os pais. (...) o excesso de tempo no infantário, o excesso de atividades extracurriculares, muitas vezes agora acontece para tapar esses buracos em que os pais não conseguem estar, também não é bom, também prejudica, porque a criança precisa de estar com os pais, precisa de tempo com os pais, precisa de tempos de qualidade... quantidade e qualidade, especialmente qualidade.

[O papel do educador]

(...) Acho que compete a nós educadoras, aos pouquinhos, irmos tentando sensibilizar, fazer o nosso papel (...) temos que fazer a nossa parte como educadores, temos que educar as crianças e educar os pais (...) já que não existe educação parental direcionada ainda para esse aspeto, existe educação parental para crianças com problemas económicos muitas vezes... para pais com problemas económicos, para pais com crianças com deficiências, mas não existe educação parental para pais ditos normais e devia haver e nós acabamos como educadores por ser obrigados a hoje em dia ter de fazer esse papel. Tem que partir de nós, ou alguém tem que educar, entre aspas, os pais, alguém tem que lhes transmitir essa informação [de passar tempo de qualidade com os filhos] (...) Portanto devia haver mais tempo, mais reuniões, mas também mais sensibilização...por parte dos educadores no início do ano letivo para ver se conseguimos todos juntos... acho que tem de ser um trabalho de todos os educadores para formarmos uma multidão (...) e sensibilizarmos, todos juntos, os pais. Para ver se conseguimos aos poucos mudar (...) Muita gente também não dá importância, vem com a noção ainda de que nós somos amas [risos] (...)